

A GESTÃO ESCOLAR NA PANDEMIA: A EXPERIÊNCIA DO ENSINO NÃO PRESENCIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA E NO ENSINO SUPERIOR

Eduardo Augusto Carreiro

Laura Marisa Carnielo Calejon

As vivências na Educação básica e superior relacionadas com a gestão escolar e acadêmica constituem-se na base das reflexões sintetizadas neste capítulo. O cenário é uma Faculdade de Educação, com cerca de 400 alunos nas quatro licenciaturas por área de conhecimento, Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Linguagens e Matemática, e uma escola de Educação Básica, com cerca de 1300 alunos, que passaram a ter uma gestão única em 2020 com o propósito de aproximar os saberes e os profissionais da Faculdade e da Escola.

Nessa perspectiva, a atenção neste texto será prioritariamente para os exemplos de mudança abrupta do ensino presencial para o ensino remoto, tanto da escola como da Faculdade. Nesses contextos educativos, algumas das dores que já estavam presentes no ensino presencial acabaram se intensificando no ensino não presencial.

A Faculdade de Educação conta com alunos que entraram nos cursos com um propósito já definido: serem professores da Educação Básica. Participaram da residência educacional, que é talvez uma das mais importantes unidades curriculares de toda a formação acadêmica, se relacionando intensamente com os alunos da escola e suas dificuldades sociais e de aprendizagem, mas que também tinham a vontade de adquirir conhecimento e conviver constantemente.

Além dos alunos, um participante fundamental são as famílias, com relacionamento gratificante e complexo, principalmente na escola. São aproximadamente 2500 familiares que lutam por seus filhos e filhas e por uma educação de qualidade.

Todo este contexto em um novo tempo, quando a pandemia obrigou o isolamento social e a saída escolhida foi optar pelo ensino remoto, mesmo sabendo de todas as dificuldades, do custo social de aumentar as diferenças, das dificuldades tecnológicas, da adaptação didática e metodológica e da angústia das famílias e de toda a comunidade escolar.

A necessidade de garantir conexão e equipamentos adequados para as famílias que não os possuem foi o primeiro esforço da escola. Foram desmobilizados os laboratórios de informática, emprestando-se mais de 150 computadores. Parece que foi superada essa primeira dificuldade, possível em uma instituição que possui estes recursos. Contudo, essa não é a realidade de todas as instituições, tampouco de todas as famílias.

Como exemplo dessas diferenças, temos o relato de gestores de algumas escolas públicas do município de São Paulo, em evento realizado de forma não presencial pela Faculdade de Educação, que relataram que a única forma de contato efetivo com os alunos era pelo aplicativo *WhatsApp* dos familiares, no final do dia, quando chegavam do trabalho. Esse relato demonstrou duas situações: o esforço diário do gestor público, que, sem recursos, não desistiu dos alunos e das famílias, e a ampliação da desigualdade social, amparada muitas vezes por jogadas midiáticas do governo.

No campo pedagógico, o recorte conta com reflexões sobre gestão escolar, avaliação educacional, manejo dos recursos tecnológicos e angústia das famílias. As anotações de uma das aulas da disciplina Preparação Pedagógica, ofertada na pós-graduação da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, serviram de inspiração inicial.

Durante a aula de didática e desenvolvimento humano, a professora regente afirma que “Não se ensina o que não se sabe”. Tal afirmação traduz que o olhar do que acontece dentro da escola, na gestão escolar, infelizmente intensificado pela pandemia, ampliou o distanciamento entre os conhecimentos específicos e os conhecimentos pedagógicos (LIBÂNEO, 2015), demonstrando o quão distante está a gestão escolar do conhecimento pedagógico.

A avaliação educacional foi outro debate que se amplificou, com decisões a serem tomadas sobre os critérios adotados com uma criança ou jovem que não entra nas aulas, não envia as atividades, mas que, na prova, tira a nota máxima, ou o inverso, assiste tudo, entrega tudo e zera na prova. As condições de ensino

estabelecidas pelos recursos das tecnologias de informação e comunicação reforçam as discussões existentes sobre a avaliação educacional no contexto da presencialidade.

Souza (2012) apresenta que avaliação é um dos componentes do processo de ensino, retratando escolhas e posicionamentos teórico-filosóficos e, muitas vezes, representando, na escola, a replicação de desigualdades. Representam função burocrática e apontam para a “falácia” da meritocracia.

A discussão sobre a avaliação educacional não é recente. Swartz (1997), analisando os trabalhos de Bourdieu, demonstra que a força de sua obra está na análise da relação entre o sistema de ensino superior e a estrutura de classes sociais, de modo que a educação serve para manter a desigualdade social mais do que para reduzi-la. A pandemia demonstrou uma face ainda mais triste dessa situação. O sistema educacional, nas condições organizadas pela pandemia, vem ampliando a desigualdade social e as diferenças nas oportunidades educacionais.

Soares (1997), analisando a avaliação educacional na perspectiva daquilo que realmente ocorre nos sistemas de ensino, afirma que a avaliação acaba constituindo-se em um dos instrumentos do controle de oferta e aproveitamento das oportunidades educacionais e sociais e de dissimulação de um processo seletivo e excludente.

Ainda sobre o tema avaliação educacional, Saul (2008) manifesta que, para se mudar a prática de avaliação, inicialmente precisa sonhar com uma escola diferente, uma escola democrática, que requer educação permanente de todos seus envolvidos, definindo as teorias que irão ser tratadas e a prática que cada professor irá propor. Talvez este seja o primeiro passo para ampliar o debate na escola, mapeando a estruturação dos conteúdos, a metodologia de ensino e a avaliação da aprendizagem.

Quanto às dificuldades relacionadas com a tecnologia, estas não são apenas de acesso, mas de como usar as tecnologias. Mill (2012) destaca que os benefícios da tecnologia podem ser explorados por educadores, gestores e estudantes, mas, na perspectiva da apropriação do conhecimento, como forma de estimular o desenvolvimento dos processos cognitivos.

Por fim, consideramos também a angustia das famílias, que nos faz refletir sobre qual o papel social da escola. Toda a equipe escolar tem se esforçado muito, a todo momento, mas tratar com 2500 familiares não é uma situação fácil. Foi nesse contexto que dirigi esta reflexão, com a consciência de que devo me aprofundar e apropriar os conhecimentos sobre pedagogia histórico-crítica, sobre psicologia histórico-cultural, sobre teoria da atividade, sobre métodos de avaliação não

tradicionais e outros para conseguir conduzir a gestão escolar de forma mais consistente, com uma escola que deseja contribuir para a transformação social e a produção de uma Educação Escolar de qualidade. Algumas considerações feitas até este momento podem ser observadas no relato de uma aluna da Faculdade de Educação.

A seguir, o relato da jovem graduanda, do curso de Ciências Humanas da Faculdade de Educação, que viveu intensamente o último ano do curso superior e a residência educacional na Educação Básica:

Aqui vos escreve uma jovem professora-estudante, concludente da primeira graduação neste segundo semestre que dá continuidade ao furacão que conhecemos por 2020. (Quase) Licenciada dos saberes das Ciências Humanas, efeito da escolha de um mergulho profundo na realidade que nos cerca, a fim de compreender a complexidade da vida social; sob perspectiva privilegiadamente fomentada e costurada pela ideia de religação dos saberes, fruto da acolhida de um território permeado por sérias produções de conhecimentos e de despendimento de energias a favor da educação brasileira, obrigada.

Nessa partilha de experiência, não é possível ignorar a centralidade do cenário pandêmico que vem orientando nossas relações neste ano de 2020. Em escala global, a nova covid-19 derramou sobre a humanidade e suas certezas estruturais um balde d'água (talvez alguns) e nos fez partilhar uma pandemia como nova condição da vida real em sociedade. Como consequência? O isolamento social como início de um longo período que se desdobrará em ressignificações e reestruturações, previsivelmente.

Tudo freou! Ou ao menos teve de frear. E se tudo precisou “parar de funcionar”, será que temos feito as melhores escolhas como seres individuais e coletivos? Ora, não se enfrenta uma pandemia por acaso, muito menos por obra divina. Isso quer dizer que o que enfrentamos agora é fruto materializado do que temos sido no e para o mundo (na dimensão individual e coletiva); é signo de que nem tudo está como deveria estar ou de que não há equilíbrio algum na maneira como temos conduzido a ocupação do planeta. Logo, é um momento que urge responsabilidade social, no sentido de termos uma postura atenta e cuidadosa para revermos nosso percurso como seres humanos e atribuímos sentido às nossas escolhas, valores e perspectivas como sujeitos de uma comunidade (local e global).

Francamente, enfrentar uma pandemia não é simples para ninguém, em nenhuma condição social (embora seja sempre um dever destacar que as desigualdades sociais promovem largas diferenças de realidade em qualquer conjuntura; na pandemia podemos pensar de maneira geral tais diferenças como o grupo daqueles que são facilitados, os que são dificultados e os impedidos de viver). Mas a questão central é que precisamos compreender com significativo destaque que se deparar com essa calamidade (que colocou o mundo em xeque, principalmente ao desafiar saberes da ciência biológica e da ciência política) fomentou sentimentos coletivos de incerteza, insegurança, ansiedade, medo e desamparo (me incluo seriamente nisso). E também nos fez lidar lamentavelmente com a morte, a perda em enorme escala, com o afastamento de nossas relações, a ausência de contato humano sensível, e com o declínio

do que quer que fosse compreendido como normal, habitual ou comum. O mundo virou de ponta-cabeça e, potencializando toda a dificuldade conjuntural, também não pudemos contar com uma administração pública que oferecesse coesão e firmeza nas medidas de contenção e enfrentamento da pandemia, o que não seria a solução, mas seria o mínimo respaldo que nossa numerosa população brasileira merecia e ficou esperando (até hoje).

Ainda considerando os desafios que a pandemia vem propondo, e não foram e nem serão poucos, essa crise significa, para mim, mais do que uma situação que eu nunca havia me deparado antes, ou nem sequer imaginado, mas uma situação de possibilidades. Vejo dentro desse caos que desestabiliza estruturas importantes para nossa sociedade (como a educação, que percebo como das dimensões mais prejudicadas) a possibilidade de fazer exatamente o que a pandemia me trouxe como condição: parar. E parar nesse sentido não é não fazer nada, mas, sim, poder respirar e olhar panoramicamente para a vida a fim de entender o que estávamos realmente fazendo (quem fomos até agora como humanidade, a partir de dados de realidade?), o que queremos fazer (qual a sociedade que nós/eu queremos?) e o que precisa ser feito pelo mundo, por mim e por todos (como podemos intervir na realidade a fim de melhorá-la?). Penso que seja um momento bastante oportuno para revisitar aquilo que nos toca enquanto sujeitos, daqueles que promovem uma ação.

Quero dizer que, embora nada substitua para mim a relação que se estabelece no contato humano (e eu nem desejo isso) e embora eu não veja a hora para que possamos voltar a circular “desamedrontadamente” em diferentes territórios, que possamos nos ver e nos tocar, que possamos voltar a produzir e trocar cultura nas ruas e calçadas, que possamos habitar e ocupar a cidade, principalmente a escola (território sagrado, para mim, de fundamentação do saber para a vida) e possamos viver a socialização com tranquilidade, a experiência de quarentena e isolamento social me trouxe sérias reflexões e aprendizados para lidar com a vida daqui por diante. Res-significação é a palavra que eu atribuiria ao que tenho visto e vivido: pude questionar os sentidos das diferentes dimensões da vida, atribuindo novos e outros sentidos ao meu percurso, ao contexto que estou inserida e às minhas próprias escolhas.

Na tentativa de elucidar o que compartilho, um exemplo: ainda com saudade das relações que se teciam na atividade dinâmica do dia a dia, como a de aluna, professora, amiga, motorista etc., reduzir a quantidade de deslocamentos diários e, consequentemente, o de atividades, me fez ressignificar a forma como estas estavam presentes na minha vida e como eu realmente gostaria que estivessem. Afinal, penso, estávamos correndo tanto, fazendo tudo com tanta pressa, para quê? Em alguma medida, pude habitar minha casa, conviver com a minha família mais intimamente, pude voltar a atenção para outras demandas que a rotina estabelecida não permitia, e isso foi muito importante. Foi importante perceber que esse ritmo que mantínhamos é uma escolha do sistema social que nos rege, não minha (e muito provavelmente também não é a de muitas pessoas). O mundo “parou” e continuamos aqui. Isso significou para mim a compreensão de que podemos (e precisamos) fazer outras escolhas e, enquanto sociedade, podemos inventar outras formas de nos organizar que respeitem e equilibrem a relação de nós conosco mesmos, de nós com os outros e de nós com o mundo. E para isso é preciso parar e pensar sobre os sentidos da nossa presença nesse mundo. Dias superlotados, a moralidade da superprodução e da necessidade de superar o tempo que corre contra nós não fazem tanto sentido para mim. O que

está realmente fazendo falta e por que faz falta? O que percebo da dinâmica social em que estou inserida, que não sinto falta? Retomo, a situação é oportuna para os questionamentos.

Nessa inversão turbulenta (mas oportuna) da realidade, todos os setores tiveram que, de alguma forma, se adaptar para continuar se relacionando e sobreviver à pandemia. Não seria diferente com a educação, território essencialmente de relações que se tecem na relação dialética interdependente do individual e do coletivo. Como única alternativa viável no momento, os recursos de comunicação digital têm ganhado espaço nas relações educacionais/pedagógicas a fim de tentar driblar o caos e dar continuidade ao ano letivo. Nesse contexto, tive de mergulhar no EAD, tanto do lugar de aluna (estou concluindo o último semestre da licenciatura) como de professora (residente do programa de residência educacional). Com cenários configurados de maneira bastante semelhante, a diferença do lugar que ocupo em cada situação é um estímulo para me deslocar nas relações estabelecidas e enxergar o lugar do outro, tanto de meus professores quanto de meus alunos. O fato de ser filha e residir com uma mãe professora universitária, assim como seu marido, também fomenta o ampliamento dessa perspectiva conjuntural.

Confesso que destarte, no estourar do isolamento social no Brasil, o receio foi grande de que a necessidade de recorrer momentaneamente ao universo do EAD e da comunicação digital para substituir a impossibilidade de se relacionar presencialmente pudesse fomentar essa frágil e crescente tendência que precede a pandemia, de substituir progressiva e majoritariamente a educação presencial por educação a distância. Ora, como apostar no protagonismo da mediação digital da relação dos sujeitos com o conhecimento e a vida sem o objeto em questão ter por centralidade a relação humana?

E justamente no que tange à relação, atear luz e pensar sobre como a transposição da forma de comunicação e interação (da linguagem) do presencial para o EAD foi importante para a minha adaptação de um cenário para o outro. Cada contexto demanda estratégias e engrenagens diferentes para funcionar frutiferamente. É falsa e frágil a ideia de que basta passar a dar as aulas online como se estivéssemos em sala de aula com nossos 30 e poucos alunos. Cada um está na sua casa, e não é possível desvincular a dinâmica da casa em sua totalidade quando a estamos habitando;

Bem, se guardarmos essa aflição no bolso por um instante, sem descartá-la, mas num esforço de plantar sobre o solo pouco fértil (como diria Rubem Alves, a atividade do docente), vejo a possibilidade de nós, educadores, tornarmos a situação favorável para o pontual aperfeiçoamento da internet e dos recursos digitais, verdadeiros recursos das necessidades contemporâneas de relacionamento. Ou seja, se quisermos, podemos estimular a formação de sujeitos que façam uso desse universo como recurso, distanciando-os da ideia de consumidores digitais de conteúdo. Como um saber, uma linguagem, precisamos dominar o universo digital-virtual para não sermos dominados por ele. Nossos estudantes têm muito suporte a nos oferecer nesse sentido.

Uma análise inicial dos elementos contidos no relato pode ser o início de um caminho a seguir nos esforços que ainda temos que fazer para compreender a realidade que vivemos e os desafios que virão pós-pandemia. O relato mostra a vivência da estudante em relação à pandemia: um furacão que desafia a compreender

a complexidade da vida social, criando novas condições da vida em sociedade, exigindo um olhar panorâmico. Uma furacão que fomenta sentimentos coletivos de insegurança, medo, ansiedade e desamparo. Mas, como desafios, traz possibilidades: de respirar, parar e olhar panoramicamente a integralidade e complexidade do mundo em que vivemos e decidir o que queremos. Que Educação queremos ajudar a construir, que mundo queremos viver e deixar para nossos descendentes. Como produzir um solo fértil em que as conquistas da humanidade, incluindo os recursos da tecnologia da comunicação e informação, assim como os recursos da avaliação educacional e da gestão escolar, sejam usadas na organização de projetos educacionais orientados para uma dimensão humanizadora em que a diversidade seja fonte de desenvolvimento em lugar de ser transformada em desigualdade e injustiça social.

Desafios que necessitam do esforço coletivo para compreensão e construção de caminhos em uma sociedade do espetáculo.

REFERÊNCIAS

- LIBÂNEO, J. C. Formação de Professores e Didática para Desenvolvimento Humano. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 629-650, June 2015.
- MILL, D. Mudanças de mentalidade sobre educação e tecnologia. *In*: MILL, D. **Escritos sobre educação e tecnologias emergentes: desafios e possibilidades para ensinar e aprender na contemporaneidade**. São Paulo: Paulus, p. 11-38, 2012.
- SAUL, A. M. Referenciais freireanos para a prática da avaliação. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, n. 25, p. 17-24, nov. 2008.
- SOUZA, A. M. L. Avaliação da aprendizagem no ensino superior: aspectos históricos. **Revista Exitus**, Volume 02, nº 01, Jan./Jun. 2012.
- SWARTZ D. Pierre Bourdieu: a transmissão cultural da desigualdade social. *In*: PATTO M.H.S (org.) **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 35-49.
- SOARES M.B. Avaliação educacional e clientela escolar. *In*: PATTO M.H.S. (org.) **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 51-59.